

Construção autogerida em meio urbano: aspectos espaciais, religiosos e socioculturais

Self-managed construction in urban areas: spatial, religious and socio-cultural aspects

Construcción autogerida en medio urbano: aspectos espaciales, religiosos y socio cultural

METZKER-CASTRO, Constança Gabriela

Mestra em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFBA

castrocg01@gmail.com

MATOS, Denis Alex

Mestre em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFBA

denisalex.matos@gmail.com

RAMOS-PENHA, Maria Estela

Doutora em Arquitetura e Urbanismo

mariaestelaramos@gmail.com

Construção autogerida em meio urbano: aspectos espaciais, religiosos e socioculturais

Self-managed construction in urban areas: spatial, religious and socio-cultural aspects

Construcción autogerida en medio urbano: aspectos espaciales, religiosos y socio cultural

EIXO TEMÁTICO: PATRIMÔNIO, CULTURA E IDENTIDADE

RESUMO:

O presente trabalho aborda as pesquisas no âmbito da arquitetura popular que evidenciam a análise da produção da cidade, em suas muitas formas de ocupação do território. Focaliza, ainda, as características espaciais e construtivas da produção de espaços urbanos, a partir das edificações utilizadas para moradia, negócio e culto, cuja construção é feita ou gerida pelo próprio morador em ocupações e bairros populares da cidade de Salvador e região do Recôncavo Baiano. O trabalho aponta as possibilidades de análise desse universo da arquitetura popular em meio urbano em torno de dois eixos de investigação. O primeiro trata dos saberes tradicionais utilizados na produção edilícia autogerida e seus desdobramentos na configuração espacial das ocupações e da cidade, e o segundo, aborda a circulação de saberes formais e informais a partir da análise de espaços e elementos construtivos utilizados no edifício em bairros que definidos como “negros” ou onde referenciais históricos e culturais afro-brasileiros participaram de modo fundamental dos seus processos de constituição. Identificou-se as edificações representativas das soluções que resultam do intercâmbio de saberes e práticas tradicionais populares e dos saberes e práticas formais, bem como as suas conexões com a cidade e a permeabilidade mais imediata que mantêm com o entorno. A disposição dos diversos elementos construtivos, as condições que vão desde a iluminação dentre outros aspectos que podem gerar tanto fluxos como bloqueios importantes, amenizando ou constituindo fronteiras no diálogo com a cidade. As construções nas ocupações urbanas populares, em sua maioria, estão destinadas ao uso residencial, tendo a circulação de saberes as tornado uma expressão urbana e tecnológica da modernidade a partir das inovações e soluções levadas às ocupações pelos construtores. Com o avanço da pesquisa foi possível notar que o volume final ou previsível da edificação vem sendo ostensivamente modificado por diversos fatores, tanto internos a exemplo das iniciativas dos moradores que nos processos de autogestão e autoconstrução adotam, dentre outros meios, novos sistemas construtivos quanto externos, a partir das ações dos gestores públicos e de parcerias público-privadas num processo gradativo de padronização de soluções. Ainda que se saiba que essas mencionadas construções não possam ser replicadas ou reproduzidas, em qualquer escala, em outros espaços, dado o seu caráter único, pelas condicionantes que as geraram. Dentre os sítios estudados destacam-se os terreiros de candomblé. Nestes sítios buscou-se compreender como a cultura afro-brasileira em sua dimensão religiosa, concebe, produz e atribui sentido às arquiteturas e espaços desses lugares de culto. Enquanto produto da cultura e da cosmologia, ou seja, da visão de mundo de uma comunidade-terreiro cujos edifícios estudados possuem um caráter existencial que ao proporcionar além do habitar, permitem ao homem, um “suporte existencial” através do qual ele cria relações de identidade e pertencimento com o lugar, passando a manter relações vitais com o ambiente que o rodeia, dando sentido e ordem a um mundo de acontecimentos e ações. Essas mencionadas comunidades atribuem um sentido simbólico às suas arquiteturas de modo a tornar essas edificações suportes materiais a partir das quais algo de transcendente se revela, evidenciando os sentidos míticos e espirituais que norteiam o modo de ser e de estar presente naquele mundo. Neste trabalho, que reúne pesquisas recentes sobre o tema realizadas na Bahia, não são somente considerados os aspectos puramente arquitetônicos da produção espacial e edilícia popular, mas também, os sociais e culturais que influenciam e impactam os processos construtivos, a forma e os materiais utilizados na construção, bem como se expressam na organização do espaço. Contribuíram na composição deste trabalho as pesquisas de mestrado de Matos (2017), Metzker-Castro (2017) e, também, da pesquisa de doutorado de Ramos (2013).

Palavras-Chave: arquitetura popular – autogestão – culturas afro-brasileiras – terreiros de candomblé

ABSTRACT

The present work approaches the researches in the scope of the popular architecture that evidences the analysis of the production of the city, in its many forms of occupation of the territory. It also focuses on the spatial and constructive characteristics of the production of urban spaces, from the buildings used for housing, business and worship, whose construction is done or managed by the resident himself in occupations and popular neighborhoods of the city of Salvador and the region of the Recôncavo Baiano. The paper points out the possibilities of analyzing this universe of popular architecture in urban surroundings around two research axes. The first deals with the traditional knowledge used in self-managed building production and its spatial configuration of occupations and the city, and the second deals with the circulation of formal and informal knowledge through the analysis of spaces and constructive elements used in the building in neighborhoods that defined as "negros" or where Afro-Brazilian historical and cultural references have fundamentally participated in their constitution processes. It was identified the representative buildings of the solutions that result from the exchange of popular traditional knowledge and practices and the formal knowledge and practices, as well as their connections with the city and the more immediate permeability that they maintain with the environment. The arrangement of the various constructive elements, the conditions that go from the illumination among other aspects that can generate as much flows as important blockades, softening or constituting borders in the dialogue with the city. The constructions in the popular urban occupations, for the most part, are destined for residential use, and the circulation of knowledge has made them an urban and technological expression of modernity, based on the innovations and solutions brought to the occupations by the builders. With the advance of the research it was possible to notice that the final or foreseeable volume of the building has been ostensibly modified by several factors, both internal to example of the initiatives of the dwellers that in the processes of self-management and autoconstruction adopt, among other means, new constructive as external systems, from the actions of public managers and public-private partnerships in a gradual process of standardization of solutions. Although it is known that these mentioned constructions can not be replicated or reproduced, in any scale, in other spaces, given their unique character, by the conditions that generated them. Among the sites studied are candomblé terreiros. In these sites we sought to understand how the Afro-Brazilian culture in its religious dimension conceives, produces and assigns meaning to the architectures and spaces of these places of worship. As a product of culture and cosmology, that is, of the world-view of a terreiro community whose studied buildings have an existential character which, by providing beyond inhabiting, allow man an "existential support" through which he creates relations of identity and belonging to the place, to maintain vital relationships with the environment that surrounds it, giving meaning and order to a world of events and actions. These communities give a symbolic sense to their architectures in order to make these buildings material supports from which something transcendent reveals itself, evidencing the mythical and spiritual senses that guide the way of being and being present in that world. In this work, which gathers recent research on the theme carried out in Bahia, it is not only the purely architectural aspects of space production and popular construction, but also the social and cultural aspects that influence and impact the constructive processes, the form and materials used in construction, as well as express themselves in the organization of space. They contributed to the composition of this work the master's researches of Matos (2017), Metzker-Castro (2017) and, also, of the doctoral research of Ramos (2013).

Keywords: popular architecture - self-management - Afro-Brazilian cultures - candomblé terreiros

RESUMEN

El presente trabajo aborda las investigaciones en el ámbito de la arquitectura popular que evidencian el análisis de la producción de la ciudad, en sus muchas formas de ocupación del territorio. Se enfoca, además, las características espaciales y constructivas de la producción de espacios urbanos, a partir de las edificaciones utilizadas para vivienda, negocio y culto, cuya construcción es hecha o gestionada por el propio habitante en ocupaciones y barrios populares de la ciudad de Salvador y región del Recôncavo Baiano . El trabajo apunta las posibilidades de análisis de ese universo de la arquitectura popular en medio urbano en torno a dos ejes de investigación. El primero trata de los saberes tradicionales utilizados en la producción edilicia autogerida y sus desdoblamientos en la configuración espacial de las ocupaciones y de la ciudad y el segundo aborda la circulación de saberes formales e informales a partir del análisis de espacios y elementos constructivos utilizados en el edificio en barrios que, definidos como "negros" o donde referenciales históricos y culturales afro-brasileños participaron de modo fundamental de sus procesos de constitución. Se identificaron las edificaciones representativas de las soluciones que resultan del intercambio de saberes y prácticas tradicionales populares y de los saberes y prácticas formales, así como sus conexiones con la ciudad y la permeabilidad más inmediata que mantienen con el entorno. La disposición de los diversos elementos constructivos, las condiciones que van desde la iluminación entre otros aspectos que pueden generar tanto flujos y bloqueos importantes, amenizando o constituyendo fronteras en el diálogo con la ciudad. Las construcciones en las ocupaciones urbanas populares, en su mayoría, están destinadas al uso residencial, teniendo la circulación de saber las tornadas una expresión urbana y tecnológica de la modernidad a partir de las innovaciones y soluciones llevadas a las ocupaciones por los constructores. Con el avance de la investigación fue posible notar que el volumen final o previsible de la edificación viene siendo ostensiblemente modificado por diversos factores, tanto internos a ejemplo de las iniciativas de los habitantes que en los procesos de autogestión y autoconstrucción adoptan, entre otros medios, nuevos sistemas constructivos como externos , a partir de las acciones de los gestores públicos y de alianzas público-privadas en un proceso gradual de estandarización de soluciones. Aunque se sabe que esas mencionadas construcciones no pueden ser replicadas o reproducidas, en cualquier escala, en otros espacios, dado su carácter único, por las condicionantes que las generaron. Entre los sitios estudiados se destacan los terreros de candomblé. En estos sitios se buscó comprender cómo la cultura afro-brasileña en su dimensión religiosa, concibe, produce y atribuye sentido a las arquitecturas y espacios de esos lugares de culto. Como producto de la cultura y de la cosmología, es decir, de la visión de mundo de una comunidad terrenal cuyos edificios estudiados poseen un carácter existencial que al proporcionar más allá del habitar, permiten al hombre un "soporte existencial" a través del cual crea relaciones identidad y pertenencia con el lugar, pasando a mantener relaciones vitales con el ambiente que lo rodea, dando sentido y orden a un mundo de acontecimientos y acciones. Estas mencionadas comunidades atribuyen un sentido simbólico a sus arquitecturas para hacer que estas edificaciones soportan materiales a partir de los cuales algo de trascendente se revela, evidenciando los sentidos míticos y espirituales que orientan el modo de ser y de estar presente en aquel mundo. En este trabajo, que reúne investigaciones recientes sobre el tema realizadas en Bahía, no son solamente considerados los aspectos puramente arquitectónicos de la producción espacial y edilicia popular, sino también, los sociales y culturales que influyen e impactan los procesos constructivos, la forma y los materiales utilizados en la construcción, así como se expresan en la organización del espacio. En la composición de este trabajo las investigaciones de maestría de Matos (2017), Metzker-Castro (2017) y, también, de la investigación de doctorado de Ramos (2013).

Palabras clave: arquitectura popular - autogestión - culturas afrobrasileñas - terreros de candomblé

INTRODUÇÃO

A arquitetura produzida fora dos circuitos formais da construção civil - e a partir de saberes populares e ancestrais - é ainda no Brasil um tema predominantemente estudado no âmbito da antropologia, da geografia cultural, da sociologia e outras áreas das ciências humanas (SANT'ANNA, 2013). Há um parco volume de pesquisas cujos temas têm muito mais afinidade com a preservação, a conservação e o restauro ou mesmo estaria ligado ao déficit habitacional do que propriamente sobre os aspectos que moldam essas edificações nesses espaços, considera a pesquisadora.

Nesta perspectiva, é importante ressaltar que a pouca importância dada a esse assunto produz e reproduz um quadro lacunar sobre os estudos e bibliografias de referência sobre o tema, alimentado pela não inclusão em atividades acadêmicas e didáticas e nas discussões no âmbito dos cursos de arquitetura. A pequena produção científica sobre a situação edilícia das ocupações informais que engloba desde as regiões metropolitanas, alcançando o Recôncavo, até as áreas urbanas mais próximas dentro do perímetro da cidade, principalmente, naqueles territórios de população majoritariamente negra, considerando nestes, não somente essas edificações como suportes materiais para a análise dos sistemas construtivos, mas, também, a compreensão da cultura afro-brasileira em sua dimensão religiosa, sob aquilo que concebe, produz e atribui sentido às arquiteturas, que termina por servir de estímulo ao incremento da investigação nesse campo, praticamente, inexplorado.

Ainda sobre o reconhecimento dessas mencionadas produções como arquitetura, Aldo Rossi (2001) denota em seu trabalho que a história da arquitetura e dos fatos urbanos validados são sempre aqueles narrados pelas classes dominantes. O autor afirma que a arquitetura é o momento último, o componente detectável, concretizada na intencionalidade estética, como elementos primários que possuem uma qualidade específica por sua insistência num lugar, por sua individualidade. Esta definição comprova a incipiência dos conteúdos relativos às produções indígenas e afro-brasileiras nos currículos dos cursos de Arquitetura.

Para melhor compreender como a complexidade da religiosidade do candomblé é explorada na materialidade expressa na arquitetura do terreiro **Humpâme Ayíono Huntolóji**, apresentado no primeiro item, faz-se necessário definir, inicialmente, o significado do terreiro em seus diversos aspectos.

Os terreiros de candomblé são uma expressão de religiosidade afro-brasileira constituídos por grupos africanos e por seus descendentes na diáspora africana. Para Sodré (1988), os terreiros são estratégia de sobrevivência dos negros africanos, uma elaboração autônoma de estratégia político-cultural que operou poderosa condensação espaço-cultural para o culto a entidades como inquices, orixás, voduns, encantados através da dimensão sagrada.

Os terreiros são instituições, cujos primeiros registros datam do início do século 19 na Bahia, que estão difundidas por todo o país com diversas denominações segundo nações, linhas e vertentes das religiões afro-brasileiras: Candomblé, Umbanda, Jurema, Macumba, Candomblé de Caboclo, Tambor de Mina, Xangô, Batuque, Omolocô, Pajelança, Catimbó, Quimbanda, entre outros. Os ensinamentos e práticas dos terreiros constituem uma referência cultural, religiosa, espacial e histórica para comunidades negras tradicionais e deram origem a diversas outras expressões culturais afro-brasileiras como o samba (samba de roda, escolas de samba), afoxés, congadas, batuques, maracatus... Assim, os terreiros, além da função espiritual, foram também um meio de consolidação político-cultural para os grupos sociais negros; são lugares de formação e de afirmação de identidades e de subjetividade cultural (RAMOS, 2013).

No âmbito religioso, as forças míticas manipuladas no candomblé estão em torno da energia vital como força motriz que constitui fonte de potência criativa e criadora - potência, vontade, força da natureza, natureza que transforma tudo em energia - o ntu (cultura bantu) ou o axé (cultura iorubá). O sagrado é permeado pela relação com a natureza, sendo esta divina e ativa, meio de troca de energia vital.

Nesta perspectiva, os itens a seguir exploram aspectos espaciais, religiosos e socioculturais na produção da arquitetura popular.

ASPECTOS DA MATERIALIDADE NA ARQUITETURA RELIGIOSA: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PISO EM TERRA BATIDA DO ABASSÁ DO TERREIRO HUMPÂME AYÍONO HUNTOLÓJI EM CACHOEIRA/BA

Os Terreiros de Candomblé da nação¹ Jeje Mahi², localizados no município de Cachoeira na Bahia, possuem como uma de suas principais características arquitetônicas a existência do piso em terra batida dos seus *abassás*³. Antigamente, esse tipo de piso era chamado de “*bosteiro*”, pois, o chão em terra, era revestido com uma mistura de esterco bovino, folhas de pitangueira e caroços de dendê. Essa mistura ainda é utilizada nas Casas de Santo Jeje Mahi do Recôncavo Baiano e, no *Humpâme Ayíono Huntolóji* não é diferente, sendo mantida, portanto essa tradição.

O chão de terra batida não é uma prerrogativa exclusiva do abassá, todos os espaços considerados sagrados como o *sabaji*, *peji* e o *rundeme*⁴ tem o uso de revestimento do piso vetado. De fato, o chão em terra crua desses ambientes de veneração é de fundamental importância para o culto dos voduns⁵. A divindade quando manifestada em sua *vodunsi*⁶, precisa pisar na matéria orgânica da terra, é nesta superfície de barro que os voduns revelam as suas sagas, dançando ao som dos atabaques durante as cerimônias privadas e nas festas públicas.

¹ Vivaldo da Costa Lima (2003, p. 21) explica como aos poucos, o termo “nação” no candomblé, foi perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. “Nação passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia”. Sendo assim, nação passou a designar uma “modalidade de rito”, ou uma “forma organizacional definida em bases religiosas”.

² A tradição *Jeje Mahi* tem origem na África Ocidental, na Costa da Mina e em especial na “*área gbe*” região onde foi estabelecido o culto de vodum. Segundo Parés (2007), a “*área gbe*” compreende a região setentrional do atual Togo, República do Benin (outrora Antigo Reino do Daomé) e o Sudoeste da Nigéria, onde habitam os povos tradicionalmente designados na literatura como *adja*, *ewe*, *fon* ou combinações desses termos como *adja-ewe*. A expressão “*mahi*” parece ter surgido no século XVIII como denominação utilizada pelos daomeanos para referir-se a uma pluralidade de povos localizados ao norte do rio Zou. Embora questionável Bergé e Cornevin nos dão como etimologia de *mahi* a expressão *ma-hi-nou*, que significaria “as vítimas da fúria” ou “a destruição da fúria”, talvez uma alusão a esse passado de caça a escravos. (PARÉS, 2007, p.14 e 38).

³ O mesmo que Barracão, principal edificação de um Terreiro de Candomblé onde ocorrem as festas e cerimônias públicas.

⁴ *Sabaji*- espécie de antessala que antecede as entradas do *Peji* e do *Rundeme*, local onde os voduns são preparados para entrar no barracão durante as festas públicas. *Peji* – quarto sagrado onde estão resguardados os assentamentos dos voduns de todos os membros iniciados do terreiro. *Rundeme* – espaço destinado à iniciação dos voduncis (filhos e filhas de santo).

⁵ Vodum – nome genérico das divindades cultuadas nos candomblés jeje mahi, equivalente ao termo Orixá.

⁶ Vodunsi – nome que designa as filhas de santo no candomblé jeje mahi, que ainda não alcançaram a maioridade religiosa.

A partir da pesquisa de mestrado (MATOS, 2017), teve-se a oportunidade de analisar a execução de um “novo” piso no Terreiro Huntolóji⁷. Segundo *Gaiaku*⁸ Regina de *Avimadje*⁹, atual liderança do referido terreiro, o barro do chão do abassá estava *soltando*, ela ainda acrescentou: “parece que os voduns não aceitaram esse barro”. Essa fala da sacerdotisa evidencia um aspecto importante, o barro para a execução do piso não pode ser retirado de qualquer local, há lugares específicos na natureza para a remoção da matéria-prima que irá constituir os pisos dos locais sagrados, às áreas de extração desses materiais devem estar de acordo com o consentimento dos voduns.

Antecedendo a construção do piso, está o processo de “purificação dos construtores”, etapa que envolve todas as pessoas que tomam parte na execução da obra. No dia anterior a construção, é vedado o consumo de bebidas alcoólicas e a prática de relações sexuais, a purificação dos corpos culminou com todos os participantes tomando um banho de ervas devidamente sacralizadas e depois maceradas em água lustral (sacra), popularmente conhecido nos candomblés baianos como “banho de folhas”. A principal função desse banho é equilibrar a energia do corpo, para que esta não interfira no Axé¹⁰ dos lugares sagrados do Terreiro.

Essa prática é bastante comum nas comunidades de terreiro, purificar o corpo, a matéria e o espírito para estar diante do sagrado, de modo que um novo sentido de ser esteja em contato com o divino. Adentrar no espaço sacro carregado de impurezas equivale a reduzir o potencial do resultado da cerimônia e, nesse sentido, a construção do piso em terra batida do abassá, corresponde a um ritual.

No dia posterior a etapa de purificação, foi iniciado o processo de execução do piso, começando com a escolha e a extração do barro na natureza, em seguida, foi realizada a supressão do pavimento que já estava implantado no abassá (ver figura 01). Após a retirada do antigo piso, foram “puxadas” as *linhas guias* e a mangueira de nível para estabelecer o nivelamento adequado da nova pavimentação.

Estando ajustada a horizontalidade do piso, teve início a etapa de lançamento do barro no solo (ver figura 02), a princípio, não ocorre uma preocupação quanto ao grau granulométrico do barro, são apenas retiradas as pedras que por ventura estejam presentes no material, as partes mais concentradas do barro são fragmentadas com o auxílio de uma enxada. Esta primeira camada lançada é mais grossa, possuindo fragmentos de material orgânico como raízes (ver figura 03).

Na medida em que o barro é lançado no solo, este é espalhado gradualmente, o nivelamento é então condicionado com o auxílio de um sarrafo de madeira (ver figura 04). Ao atingir o nível desejado e estabelecido pelas linhas guias, é iniciado o lançamento de uma camada mais fina de barro. Essa porção mais fina é antes passada na peneira (ver figura 05), havendo uma preocupação em se obter um material mais acurado e sem a presença de material orgânico.

⁷ *Humpâme Ayíono Huntolóji* – Terreiro de Candomblé de Nação Jeje Mahi, situado na cidade de Cachoeira na Bahia, fundado em 1950, por Luiza Franquelina da Rocha, mais conhecida como *Gaiaku* Luiza de Oyá.

⁸ No candomblé *Jeje Mahi* a mãe de santo pode ser chamada por três títulos: *Gaiaku*, *Mejitó* e *Doné*. Cada um desses títulos está relacionado a uma família de voduns.

⁹ Avimadje – Vodum da terra, pertencente à família de Sapatá.

¹⁰ Axé - Pierre Verger (1981, p. 18) define axé, como poder em estado de energia pura. Bastide (2001, p. 77) explica que o axé é a força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas. Juana Elbein dos Santos (2008, p. 39) elucida que o axé é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem *àçê*, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital.



Fig. 01 - Supressão do piso antigo do abassá
Fonte: Matos (2016)



Fig. 02 - Lançamento do barro no solo
Fonte: Matos (2016)



Fig. 03. Presença de material orgânico. Fonte: Matos (2016).



Fig. 04. Nivelamento com sarrafo de madeira. Fonte: Matos(2016).



Fig. 05. Barro sendo peneirado para a adição da camada fina.
Fonte: Matos(2016).



Fig. 06. Aplicação da camada fina de barro. Foto:
Matos(2016).

Esta demão esmerada de barro é a “camada de acabamento”, sendo a última a ser aplicada. Mais uma vez, o material é espalhado e nivelado com o auxílio do sarrafo de madeira (ver figura 06). Ao término dessa etapa, o barro aplicado no solo é molhado com o auxílio de uma mangueira (ver figura 07), esta fase precisa ser bem controlada, pois o maciço de terra não pode ser “encharcado”, o piso é gradualmente umedecido até atingir o nível de plasticidade adequado.

Estando o barro nivelado e molhado, tem início o processo de “cobertura” do piso, esta cobertura é executada com folhas de bananeira (ver figura 08). As folhas são colocadas sobre o chão nos sentidos transversal e longitudinal (ver figura 09), formando uma trama com lâminas de folhas superpostas. Na medida em que o piso é coberto com as folhas, este é compactado através de um batedor manual (ver figura 10), são aplicados vários golpes por cima das folhas de bananeira com o objetivo de agregar e compactar o barro.

Após a etapa de compactação e compressão do barro é necessário deixar secar, o processo de secagem é feito sem a retirada das folhas de bananeira (ver figuras 11 e 12). A cura do piso pode levar vários dias ou até mesmo semanas, pois esse processo depende da ação do clima. Depois do piso seco é aplicado em dias de festas públicas o “bosteiro”, a mistura de estrume de boi mencionada anteriormente. A aplicação é feita diretamente com as mãos sobre o barro já enxuto, em seguida, a pasta é espalhada com o auxílio de uma vassoura de palha (ver figuras 13 e 14).



Fig. 07. Piso sendo molhado com o auxílio de uma mangueira.
Fonte: Matos(2016).



Fig. 08. Piso sendo coberto com folhas de bananeira.
Fonte: Matos(2016).



Fig. 09. Trama de folhas superpostas. Fonte: Matos(2016).



Fig. 10. Compactação do barro. Fonte: Matos(2016).



Fig. 11. Secagem do piso. Fonte: Matos (2016).



Fig. 12. Secagem do piso. Fonte: Matos (2016).



Fig. 13. Aplicação do bosteiro. Fonte: Matos (2016).



Fig. 14. Aplicação do bosteiro. Fonte: Matos (2016).

No momento em que o ato foi registrado no Terreiro Huntolóji, a mistura elaborada continha apenas estrume de boi diluído em água, podendo ser adicionado quiabo triturado ou ervas socadas até se tornar uma pasta densa e plástica. Esta prática é algo fundamental na liturgia Jeje Mahi, a aplicação do *bosteiro* além de estabilizar o barro sobreposto no piso, possui também uma finalidade ritual, tendo a função de repelir as energias consideradas nefastas e que por ventura ameacem o equilíbrio espiritual do terreiro. A relação dos candomblés Jeje Mahi com a terra parece evocar a relação atávica do homem com o elemento telúrico. Os Jejes dão a terra, enquanto origem ancestral, o nome de “*Mawu*” ou “*Nohê Ayíkunguman*” (Mãe Terra). *Ayí* é o nome Jeje que faz referência a terra como substância material, ao mesmo tempo que define este elemento como matéria sacralizada, compreendida como um bem universal o qual todos teriam direito de utilizar.

O culto telúrico encontra-se presente no cotidiano das comunidades-terreiro de forma imprescindível, encerrando em si o importante preceito que elucida que o homem deve integrar-se a terra e não dominá-la ou subjugar-la. Sendo assim, o piso em terra batida do abassá do Terreiro Huntolojí, não pode ser compreendido apenas como uma parte que compõe a arquitetura da edificação. O espaço produzido mediante a arquitetura e qualificado através da técnica do *bosteiro*, estando vinculado às práticas dos rituais, torna-se possuidor de outra conotação, encontrando-se, portanto, saturado de significados e sentidos simbólicos.

A técnica construtiva utilizada na execução do piso, não é meramente uma escolha arbitrária, o processo arquitetônico e o saber-fazer atendem a uma necessidade ritual e simbólica. Isto pôde ser constatado no ritual do *Zandró*¹¹, no momento de louvação ao vodum *Aíyzan*¹² onde os filhos de santo dançam com os seus joelhos sobre a terra, rogando a indulgência dos ancestrais. Sendo assim, o ato de construir, edificar ou reformar, é efetivado através de uma dinâmica que envolve a construção física propriamente dita e a afirmação existencial efetuada através dos rituais, empreendendo a relação entre a cultura afro-brasileira na sua dimensão religiosa e a arquitetura.

¹¹ Zandró – vigília ritual que antecede os sacrifícios votivos aos voduns.

¹² Aíyzan – vodum da terra, considerado como a “esteira da terra” a crosta terrestre, relacionado com os espíritos dos mortos (antepassados).

DESDOBRAMENTOS DE CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS NA ARQUITETURA POPULAR EM BAIROS NEGROS

Diante do exposto no item anterior relativo aos simbolismos materiais e imateriais de culturas negras vinculadas às práticas dos rituais na arquitetura religiosa no terreiro Humpâmê Ayíono Huntolóji em Cachoeira, a motivação deste item é evidenciar os desdobramentos destes referenciais culturais afro-brasileiros, por meio de terreiros de candomblé, na produção de exemplares da arquitetura popular em bairros negros.

A partir da pesquisa de doutorado (RAMOS, 2013), o Engenho Velho da Federação é o suporte para análise das evidências afro-brasileiras inscritas na arquitetura popular deste bairro. Este bairro é definido como um bairro negro, para além de sua população majoritariamente afrodescendente, tendo sido constituído por referenciais históricos e culturais afro-brasileiros como parte fundamental nos seus processos de formação. A pesquisa desenvolvida toma por princípio o surgimento de bairros a partir de terreiros como nucleadores de ocupações urbanas, que posteriormente são configuradas como bairros, tal como apontou Gomes: “nucleações formadas por antigos candomblés estariam na origem de diversos bairros de Salvador” (GOMES, 1990, p. 09). Muitos terreiros constituíram a origem de bairros no processo de povoamento, de agregação, de orientação de formas espaciais, como gênese de bairros.

Nesta proposição alternativa de análise urbana, face às análises urbanas tradicionais que partem das práticas do planejamento dominante tendo as freguesias como divisões eclesiástico-administrativas e a igreja matriz voltada para uma praça envolta por habitações, os terreiros são tidos por núcleos de povoamento. Tomando-se a centralidade dos terreiros, nas suas diversidades de culturas, contribui-se para ampliar o direito à cidade para compreender que a cidade é produzida por diversas maneiras.

Nesta proposta, adota-se a cultura como condutora da constituição do bairro, tal como aponta Sodré (1988), em um modo legítimo de relacionamento com o real, ou como nos aponta Lefebvre (1991), uma alternativa às cidades planejadas pautadas pela ideologia do progresso, do desenvolvimento econômico. Neste mesmo raciocínio, adota-se a forma-conteúdo para compreensão de que arquitetura pode ser produzida por diversas estéticas.

Estando às margens da cidade planejada, o bairro do Engenho Velho da Federação constitui atualmente uma das segregações socioespaciais¹³ da cidade de Salvador. No entanto, as convencionais análises socioeconômicas e de acesso à infraestrutura nas condições urbanísticas precarizadas não dão conta das especificidades deste bairro negro.

O Engenho Velho da Federação foi consolidado mediante uma grande concentração de terreiros instalados desde o século 19, no qual foi identificada a existência de mais de 30 terreiros em uma extensão territorial de aproximadamente 1,0 Km². O primeiro terreiro a instalar-se foi o Terreiro do Bogum, em 1835, ocupando, originalmente, considerável extensão do bairro. Os nomes de vários logradouros do bairro denotam esta extensão (Largo do Bogum, Ladeira do Bogum, Vila Bogum, Travessa do Bogum...). Em seguida, a Casa Branca, em 1856, também conhecida por Terreiro do Engenho Velho, seguida pelo Terreiro

¹³ Em 1985, boa parte dos limites do Engenho Velho da Federação constituiu a Área de Proteção Sócio-Ecológica (APSE 19), estando inscrita atualmente na poligonal da Zona Especial de Interesse Social ZEIS 13 - Engenho Velho da Federação (PDDU/2008 Salvador).

do Cobre e Terreiro Odê Mirim, ambos fundados em 1906, o Terreiro Patiti Obá, em 1927, Terreiro Obá Tony, com fundação em 1936, entre outros terreiros que se estabeleceram posteriormente.

O povoamento da localidade ocorreu a partir destes terreiros. Pela dinâmica da religião do candomblé, filhas-de-santo e filhos-de-santo instalavam-se nos terreiros nos períodos de recolhimento, passando a habitar nas bordas dos terreiros, conforme Figura 15, expandindo-se pouco a pouco, ampliando as famílias-de-santo em famílias extensivas, agregando demais familiares. Concomitantemente, famílias não ligadas ao candomblé se instalaram na localidade, aglutinando, constituindo uma formação urbana comunitária iniciada pelos terreiros de candomblé.



Figura 15 - Habitações nos limites internos do Terreiro da Casa Branca
Fonte: Ramos (2013)

A difusão destes valores civilizatórios afro-brasileiros propiciou a criação e construção social e espacial do bairro cujas espacialidades foram elaboradas a partir de visões de mundo particulares, de realidades concretas, dando forma ao vivido, ao real. O bairro é assinalado por desdobramentos de elementos simbólicos (materiais e imateriais) dos terreiros e por ambiências propiciadas por aspectos da religiosidade, ancestralidade, musicalidade, corporeidade, memória, ludicidade.

Diante da profusão de terreiros e de seus acervos culturais, os valores afro-brasileiros são hegemônicos nos bairros negros em relação à cultura dominante. Assim, estes bairros são contra-hegemônicos, surgidos à margem da cidade planejada e enquanto suportes espaciais das resistências na manutenção de seus valores sociais, em correspondência ao que foi apontado por Serpa (2011) em sua análise sobre a existência da expressão da criatividade e da inventividade dos moradores de bairros populares que se manifestam em um discurso que se contrapõe às estratégias oficiais dos órgãos públicos de planejamento.

Os terreiros, para Sodré (1988), transformam os modos de ocupação e de construção do espaço urbano, prática realizada socialmente na condição específica da forma social negro-brasileira, acumulando histórias, vivências e experiências cotidianas, sendo assim, os terreiros produtores de espaço. Estas relações estão

continuamente articuladas à dinâmica das correlações de forças políticas, culturais, econômicas e jurídicas que incidem sobre as cidades.

Numa perspectiva da arquitetura da cidade, os terreiros são compreendidos como fato urbano, nos termos de Rossi (2011), caracterizado por uma arquitetura própria, por uma forma própria, singular, dado os valores espirituais da memória, do produto da coletividade e da relação que mantém reciprocamente com esta coletividade. Nesta acepção de Rossi, o fato urbano envolve o entendimento de como os seres se orientam na cidade, a evolução e a formação de seu sentido de espaço, caracterizando sua unicidade, seu *unicum*, o caráter 'artístico', em que o artístico se refere à obra de arte como patrimônio cultural dinâmico. A estética particular da arquitetura do terreiro é dada de forma a atender seus princípios míticos impregnados nas suas simbologias materiais e imateriais e na constituição de sua materialidade, compondo sua sacralidade.

Para além de uma expressão de religiosidade afro-brasileira, os terreiros delineiam modos de vida, visões de mundo, cujo rebatimento destas referências afro-brasileiras de terreiro na arquitetura popular se dá no bairro através da valoração da família consanguínea ou família estendida em alusão à família de santo; na disposição dos assentamentos das moradias em função de agrupamentos familiares que consistia nas vilas ou corredor de casas (Figuras 16 e 17); o construir coletivo do adjutório para a construção das casas, no 'bater a laje' realizado através da solidariedade de familiares, amigos e vizinhos; a sobreposição de casas (e dos agrupamentos familiares) através das lajes (Figura 18); a relação com a natureza na manutenção dos quintais e o plantio de ervas e plantas medicinais como parte das práticas de cura pela religião através da utilização de folhas, raízes e caules como tratamento no uso medicinal, terapêutico e espiritual em forma de banhos, chás, defumadores, xaropes, além de plantas que compõem o 'paisagismo sagrado', com a presença de vasos de espadas-de-Oxossi e espadas-de-Ogum (Figuras 19 e 20), que absorvem energias negativas.



Fig. 16 - Vila de casas de um mesmo grupo familiar
Fonte: Ramos (2013)



Fig. 17 - Corredor de casas
Fonte: Ramos (2013)



Fig. 18 - Sobreposição de casas
Fonte: Ramos (2013)



Figura 19 - Espada-de-Ogum na circulação
Fonte: Ramos (2013)



Figura 20 - Espada-de-Oxóssi na via pública
Fonte: Ramos (2013)

Aqui, a relação da forma-conteúdo, que perpassa pelo saber-fazer que incorpora o conteúdo que resulta na forma. Nas ocupações do que se constituiria em bairros como o Engenho Velho da Federação, a relação entre conteúdo e forma constitui uma estética particular da construção da casa de taipa de mão (Figura 21), por exemplo, envolvendo inúmeros procedimentos que vão desde o envolvimento da coletividade que formava os adjutórios que posteriormente foram denominados de mutirão; a escolha da terra adequada; as cantigas vinculadas ao ritmo do barrear (bater o barro); o cobrir a casa e, como forma de agradecimento, o ritual ligado ao divino de dispor uma planta na cumieira. Estas expressões estéticas particulares perpassam pelas construções das moradias erguidas com as próprias mãos. E para além da precariedade técnica que possam vir a apresentar, a habitação é um dos objetos arquitetônicos que mais pode evidenciar os conscientes culturais de um grupo social. Para Rossi (2001), é a “representação do modo concreto de viver de um povo [grupo social], da manifestação pontual de uma cultura”. Ou ainda com Viollet-le-Duc (*apud* Rossi, 2001): “a casa com o que melhor caracteriza os costumes, os gostos e usos de um povo”.



Fig. 21 - Reminiscência de casa construída com a técnica da taipa de mão. Fonte: Ramos (2013)

No que tange à permanência de hábitos, usos e costumes, também persistem práticas rituais dos terreiros na arquitetura doméstica. Um dos preparos para as festas religiosas nos terreiros é constituído por folhas verdes de pitangueira espalhadas no chão do barracão que atuam como emanadoras de energia vital, equilibrando o ambiente sagrado na dinâmica do terreiro. Esta prática dos terreiros se distendeu numa tradição doméstica. Muitas das casas, por questões de dificuldades financeiras, possuíam o piso em terra batida. Muitas famílias negras mantinham a tradição, de lançar areia alva para ocultar o piso singelo, sobretudo na época de Natal. Mesmo nas casas em melhor condição financeira, com o piso cimentado e encerado, havia a prática de se jogar as folhas de pitangueira no chão da casa, repetindo as práticas do terreiro (Figura 22). As folhas de pitangueira aromatizam a casa, afastando as energias ruins e mau-olhado. E ainda nos dias atuais, é de bom agouro manter folhas e galhos de pitangueira nas festas de fim de ano para trazer boas energias para a casa. Os incensos e rezas também são feitos com frequência em casas de famílias negras, bem como cultivo e uso de ervas e plantas medicinais. São costumes presentes principalmente nas famílias adeptas do candomblé que se disseminaram para além da religião.



Figura 22 - Folhas de pitangueira espalhadas pelo chão
Fonte: Ramos (2013)

Esta relação construtiva e ativa com seus espaços da vida cotidiana permite aos habitantes dialogar com os sentimentos subjetivos e existenciais que podem ser rebatidos em sua moradia, passando por questões estéticas, da espacialidade, da funcionalidade, das sensações corporais.

De certo modo, o autoconstruir constitui certa autonomia face às visões de mundo, às culturas, aos modos de vida. O bairro negro do Engenho Velho da Federação não é somente um bairro surgido às margens do planejamento urbano, no âmbito do concebido, dado que as segregações socioespaciais estão previstas como parte do planejamento. Este bairro se constituiu e ainda se concretiza pela (auto)construção coletiva dos moradores, frente à acepção do vivido, do sentido, do experimentado, onde suas subjetividades são cultivadas a partir de seus referenciais afro-brasileiros.

A seguir, a apropriação e circulação de saberes relativas à arquitetura popular no contexto da autogestão em bairros da metrópole soteropolitana cujos referenciais históricos e culturais afro-brasileiros participaram de modo fundamental dos seus processos de constituição a partir da pesquisa de Metzker-Castro (2017).

CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO AUTOGERIDA EM MEIO URBANO

A complexidade urbana da formação de Salvador marcada fortemente pela segregação, adensamento e fragmentação, tornaram seus espaços, paulatinamente, incapazes de expansão habitacional e de aporte de novos equipamentos urbanos. O que concorre para que a população de baixa renda, pela absoluta falta de recursos próprios, em explícito abandono social e sem a menor possibilidade de adquirir imóveis no mercado imobiliário formal através de financiamentos e subsídios públicos tenha, então, como única saída para aquisição de sua moradia à autoprodução, ora construindo por si mesma ou com ajuda de parentes, caracterizando assim a autoconstrução, ora contratando mão de obra, num fenômeno crescente de autogestão, ou seja, numa expansão recorrente da terceirização da produção da casa.

A visão das ocupações urbanas contradiz e prescreve as normas e códigos impostos aos processos de produção da moradia formal e as formas de ocupação no território da cidade, mas nem por isso as construções produzidas nesses espaços deixam de apresentar graus variáveis de durabilidade, salubridade e segurança. O caminho particular tomado por esses agentes e grupos resulta numa experiência espacial única, aberta a empirismos, improvisos e ao emprego de diversas técnicas e práticas de construção e organização muito peculiares, sem fórmulas pré-definidas, mas com autêntica rubrica.

Ainda que haja inúmeros estudos sobre as ocupações urbanas informais, as características espaciais e construtivas da produção desses espaços têm sido menosprezadas na bibliografia desse campo de estudos. A partir do cenário exposto, a pesquisa empreendida nas antigas ocupações de Calabar-Alto das Pombas situadas entre os tradicionais bairros da Barra, Ondina e Federação na cidade de Salvador indicou possibilidades analíticas com dois eixos de investigação: o primeiro estuda os saberes utilizados na produção edilícia autogerida e seus desdobramentos primários na configuração espacial dessas ocupações e secundários com a cidade e, um segundo eixo, que trata da circulação de saberes, a partir dos elementos construtivos utilizados e do resultado final ou parcial da edificação e o que podem informar no que diz respeito às técnicas utilizadas e como elas se traduzem no ambiente construído.

Tomou-se como ponto de partida o período inicial da ocupação situado entre 1940-50 até seu auge migratório em 1980. Algumas questões que se tornaram pano de fundo da investigação e do problema que a gerou: o estabelecimento e implantação da ocupação, pelo âmbito histórico- político e fundiário, além da formação do tecido sob o ponto de vista da morfologia e da tipologia que levou a identificação das edificações representativas das soluções que resultam do intercâmbio de saberes e práticas tradicionais populares e dos saberes e práticas formais, bem como as suas conexões com a cidade e a permeabilidade mais imediata que mantêm com o entorno. A disposição dos diversos elementos construtivos, as condições referentes à acessibilidade, segurança, privacidade, ventilação, iluminação dentre outros aspectos que podem gerar tanto fluxos como bloqueios importantes, amenizando ou constituindo fronteiras no diálogo com a cidade.

A leitura subliminar das edificações



Figura 23 – Criação de cágados para proteção espiritual
Fonte: Metzker-Castro (2017)



Figura 24 – Moradia e terreiro. Fonte: Metzker-Castro (2017)

Os terreiros de Candomblé nasceram juntamente com a ocupação, e seu funcionamento, nos dias atuais, é regulado pela Federação Nacional do Culto Afro-brasileiro (FENACAB) o que, em certa medida, vem a oficializar e reiterar as práticas realizadas nesses locais. Com a regularidade das incursões notou-se, como indício da prática, uma franja de palha, o “mariô¹⁴”, sobre a porta principal, de algumas moradas, somados a outros elementos como potes de barro e tesouras abertas, além de vasos plantados com espécies de fácil trato, como as ervas e folhas para banho e infusões, que com frequência ladeavam as entradas e halls não só das referidas casas do chamado povo de santo, mas de tantas outras na ocupação, mesmo daqueles que já não professam regularmente o culto ou já tenham deixado de lado as obrigações religiosas.

O paisagismo é sagrado e está diretamente ligado às raízes ancestrais das práticas religiosas de matriz africana desde o início da ocupação, por isso mesmo, com frequência, espécies como as espadas e lanças de São Jorge e a Comigo-ninguém-pode estão posicionadas como uma barreira simbólica, guardando a entrada, justo nas laterais, sobre os degraus das escadarias, quintais, passeios e varandas das casas. Retoma-se, aqui, a circulação de saberes, então, tensionada pela influência religiosa, na configuração do imóvel que considera e acolhe a ordem do sobrenatural.

¹⁴ Mariô ou Mariwô, chamado de (igi ôpê) pelo povo do santo, é o nome da folha do dendezeiro, nome científico "Elaeis guineensis", desfiado, utilizado nas portas e janelas dos terreiros de candomblé. O mariô é consagrado a Ogum, assim, é muito comum vê-lo nos assentamentos e nas vestes deste Orixá.



Fig. 25 – Paisagismo sagrado
Fonte: Metzker-Castro (2017)



Fig. 26- Espadas de São Jorge como elementos de proteção
Fonte: Metzker-Castro (2017)

Elementos como tesouras que, segundo a crença, cortariam o mal, os potes de barro com água e ervas, também podem evitar outros males, talvez como o mal olhado ou olho gordo, assim como os já referidos “mariôs” sobre os vãos de porta, que podem servir para repelir sentimentos negativos como, por exemplo, a inveja estão na figura 24. A porta de entrada, que funciona como um portal tem-se uma barreira com elementos que impedem a chegada das energias negativas que circulam fora do ambiente habitado e podem ser trazidas da rua para dentro da casa conforme as figuras 25 e 26.

Tomados os cuidados relativos à proteção espiritual, também não se dispensa a proteção material, elementos como grades de ferro, redes de proteção ou peças de madeira que cruzam janelas e portas, além de cobogós nas laterais das varandas que servem de elementos de ventilação e iluminação, sem a perda da segurança ou da privacidade, vem sendo previstos e gradativamente instalados nas moradias.



Fig. 27 – Elementos de segurança, privacidade e ventilação.



Fig. 28- Elementos de proteção espiritual. Fonte: Metzker-Castro(2017).

A “técnica” do saber tradicional



Fig. 29 – Exemplares de construção autogerida residencial e comercial na ocupação. Fonte: Metzker-Castro (2017)

De uma maneira geral, sob os critérios construtivos, a construção em regime de autoprodução quer seja por autoconstrução, quer seja por autogestão demanda os mesmos procedimentos de execução requeridos pelas regras de construção regulamentadas nas normas técnicas brasileiras. Licenciamento de obra, contratação de profissional, e projeto arquitetônico não fazem parte do escopo regular das obras nas ocupações. Mas os pedreiros em consórcio com seus contratantes fazem croquis e desenhos subsidiários ao entendimento do que vai ser construído.

Há variações na tipologia arquitetônica, não havendo um imóvel igual ao outro, porém as construções, ainda, são predominantemente erigidas através da autoconstrução ou da autogestão, o que significa dizer que no primeiro caso, a família constrói sozinha com apoio de familiares sua casa, e no segundo, contrata, em regime de empreitada, de maneira informal e remunerada, a mão de obra para realização de serviço especializado, em parceria com o dono do terreno.

As construções na ocupação, em sua maioria, estão destinadas ao uso residencial, tendo a circulação de saberes tornado essas construções, uma expressão urbana e tecnológica da modernidade a partir das inovações e soluções levadas à ocupação pelos construtores, fruto dos avanços tecnológicos da industrialização, da racionalidade científica, do rebatimento das pesquisas em diversos campos do conhecimento que resultaram em materiais de construção mais baratos, em técnicas empregadas com menor desperdício, de elaboração mais rápida e de instrução mais acessível, por serem mais didáticas abrangendo desde a primeira etapa da construção.

Com o avanço da pesquisa foi possível perceber que o volume final ou previsível da edificação vem sendo ostensivamente modificado não somente em atendimento à reduzida dimensão do lote, à posição de implantação, à quantidade e à circulação de pessoas que farão uso daquele edifício, à falta de terrenos disponíveis, às novas gerações, eminentemente urbanas e que vem se sucedendo no lugar, mas, também, em razão, desses mencionados avanços e seus desdobramentos na aplicação de novos sistemas

construtivos e dos mais recentes materiais e técnicas e seus reelaborados significados para a ocupação e para os negócios da (e com) a cidade.

O processo de distanciamento das tradições e dos significados que envolve o método construtivo vem se acelerando por diversas vias, através da ação dos gestores públicos na área estudada, pelas parcerias com ONGs, hospitais, coletivos e empresas particulares, pelos construtores e pela própria iniciativa dos moradores que nos processos de autogestão e autoconstrução são compelidos a fazer opção por materiais mais baratos e de fácil acesso o que gera uma padronização de soluções. Ainda que essas mencionadas construções não possam ser replicadas ou reproduzidas, em qualquer escala, em outros espaços, dado o seu caráter único, pelas condicionantes que as geraram.

A análise dessa produção espacial revelou, ou melhor, confirmou a perenidade de um módulo recorrente encontrado nas construções, o binômio “sanitário-cozinha”, inseparáveis, como pôde ser reconhecido na casa de alguns moradores. Outro arranjo recorrente são os terraços que vem substituindo os jardins, quintais e hortas. Para esse referido espaço, a circulação de saberes levou a antena digital e o espaço *gourmet* com a churrasqueira e os elementos da sala de estar, como redes, bancos, mesas e cadeiras, diferentemente, da condição anterior, como área de serviço, local apenas para estender roupas, pendurar gaiolas e serventia como repositório de plantas de cultivo doméstico.



Fig. 30 – Terraço como área de lazer e espaço *gourmet*. Fonte: Metzker-Castro(2017)

Foram identificados além dos grupos e agentes culturais locais, as ações dos gestores públicos, as ações da universidade e dos pesquisadores com suas oficinas e observações participantes, além do inapreensível universo, virtual e midiático, da Internet e seus aplicativos, um novo meio de comunicação horizontal e compartilhável que conta com blogs, perfis, revistas e jornais eletrônicos acessíveis a todos, repletos de conteúdos que exercem influência positiva ou negativa sobre aquilo que é produzido, também, presente na ocupação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto que no culto telúrico, ou seja, o culto ligado a terra se encontra presente no cotidiano das comunidades-terreiro de forma imprescindível, o importante preceito que elucida que o ser humano deve integrar-se a terra e não dominá-la ou subjugá-la, fica evidente que ao considerar nesses espaços religiosos a resistência ao uso ou mesmo a não utilização de materiais industrializados faz-se necessário ressaltar que

a execução de obras a partir da matéria-prima encontrada na natureza não se constitui ou representa signo de pobreza, muito pelo contrário para além de uma expressão de religiosidade afro-brasileira, os terreiros delinham modos de vida, visões de mundo, sendo rebatimento destas referências afro-brasileiras na arquitetura popular.

Faz-se importante salientar uma crescente modificação percebida nas comunidades e bairros que definidos como “negros” ou onde referenciais históricos e culturais afro-brasileiros participaram de modo fundamental dos seus processos de constituição ao considerar o contexto da construção autogerida em meio urbano onde se buscou entender a evolução do fenômeno da autoprodução habitacional em ocupações desse tipo e a forma de circulação e interação dos saberes tradicionais e formais, de sorte a compreender a dinâmica desse fluxo, as permanências, assimilações e transformações desses saberes.

Percebeu-se que os sujeitos materializaram - na forma espacial – seus desejos, medos, falas, possibilidades, entendendo haver mensagens subliminares sobre cada edificação, tal como *layers*¹⁵, que estão dispostos em camadas, agrupando informações por similitude temporal, processual¹⁶ ou eventual, mas que podem ser lidas em conjunto (integradas) ou separadas. Geradas a partir dos seus discursos no contexto integral do cotidiano de suas vidas, ou seja, sob a perspectiva social, política, histórico-financeira e cultural inserida na rede de significados construída. A cooperação explícita ou implícita entre os sujeitos internos e externos a ocupação fez gerar um indiscutível legado fruto da participação na dinâmica da circulação desses saberes. A captura desse legado não está somente traduzida nas peças edificadas encontradas no território, mas se encontra impregnada nas falas dos sujeitos.

Os espaços materializados surgidos à contraordem simulam e habilitam novas leis e regras, numa construção simbólica de contradições e resistência sustentada pelas relações sociais que transitam nesse território. A apropriação das mídias na construção do espaço urbano move as fronteiras e retira os saberes formais e informais de seus *clusters* criando uma terceira via, a dos saberes *blend*, uma espécie de mistura de saberes depreendida do atual contexto. A força que emerge daquilo que vem sendo produzido é confirmada ao adentrar em casas verticalizadas iniciadas a mais de cinquenta anos que sem qualquer sinal de desgaste ou ruptura confere importância e qualidade as soluções singulares que se materializam a partir da incontornável circulação dos saberes que tanto acolhe as novas tecnologias quanto admite a criação de cágados nos quintais e o cultivo de plantas sagradas na frente das moradias como elementos de proteção espiritual.

Por fim, a partir de edificações autoconstruídas e/ou autogeridas que incorporam conteúdos que resultam na forma, cujos aspectos estéticos (simbólicos e subjetivos) estão respaldados em culturas, usos e experiências coletivas, ressalta-se que existem inúmeras formas de se produzir arquitetura.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz; revisão técnica Reginaldo Prandi. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHETRY, Michael. **Les favelas dans la ville: entre fragmentation et inclusion urbaine**, 2011.

¹⁵ *Layer* do inglês, camada.

¹⁶ Processual do processo, do latim *procedere* (*pro+cedere*) – ir para frente, conjunto sequencial de ações, de avanços com variados propósitos: criar, projetar, produzir, manter atendendo a alguma necessidade social.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Cala a boca Calabar - A luta política dos favelados**. Editora Vozes, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. REVISTA USP, São Paulo, n° 75, p.76-84, setembro/novembro 2007.

GOMES, Marco Aurélio A. F. **Escravidão e Cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX**. Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA), Vol. 3, No 1. 1990. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1352>>. Acesso em: 09 dez. 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família-de-Santo nos Candomblés Jeje-Nagô da Bahia**. 2ª ed. – Salvador: Corrupio, 2003.

MATOS, Denis Alex Barboza de. **A casa do “Velho”: o significado da matéria no Candomblé**. 291f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2017.

METZKER-CASTRO, Constança Gabriela. **Pelas Mãos do Povo: um estudo sobre a circulação de saberes informais e formais na produção edilícia em ocupações urbanas**. 290f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2017.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. 2ª ed. Ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação**. 332f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2013.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANT’ANNA, Márcia. **Arquitetura popular: espaços e saberes**. Acesso em 10.08.2014. Disponível em: <http://www.arquitetura.ufba.br/node/136>.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. 13ª. ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

SERPA, Ângelo S. P. **A produção do espaço através da ação e do discurso**. In: Lugar e Mídia. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador, BA: Corrupio, 1981.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**: São Paulo: Martins Fontes, 2005.